

A FESTA DA PÁSCOA: UM OLHAR PANORÂMICO EM SUA GÊNESE E EVOLUÇÃO

Luciano dos Santos*

RESUMO

Os pastores nômades e os agricultores sedentários desejavam, por meio da antiquíssima festa da Páscoa, salvar ou libertar seus rebanhos e suas lavouras dos perigos e dificuldades, conservando-os salvos e intactos. Para o povo de Israel, a festa da Páscoa tornou-se, sobretudo, sinal de sua libertação da escravidão sofrida no Egito. Os cristãos continuam celebrando a Páscoa, festejada e ressignificada por Cristo, principalmente, por meio da Eucaristia. Os cristãos na América Latina descobrem na Páscoa o sinal de salvação e de libertação de outras escravidões, as morais e de todos os povos, por ação de Deus em Cristo no Espírito Santo.

Palavras-chave: Páscoa, ázimos, Eucaristia, libertação.

ABSTRACT

The nomadic shepherds and the sedentary farmers wanted, through old Easter party, to save or to liberate their flocks and their crops from the dangers and difficulties, keeping them saved and intact. For the people of Israel, the party of the Easter became, especially, a sign of their liberation from slavery suffered in Egypt. That same Easter, celebrated and re-signified by Christ, the Christians continue to celebrate, principally, through the Eucharist. The Christians in the Latin America discover in the Easter the sign of salvation and of liberation from other forms of slavery, the morals and of all the nations, by God's action in Christ in the Holy Spirit.

Keywords: Easter, unleavened bread, Eucharist, liberation.

* Graduado em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1998) e em Teologia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (2002). Atualmente cursa mestrado em Teologia Sistemática com concentração em Liturgia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

INTRODUÇÃO

A festa da Páscoa possui gênese antiquíssima, complexa e composta, oriunda das festas dos pastores nômades e dos agricultores sedentários como oferta primaveril dos primeiros animais nascidos num rebanho e dos primeiros frutos colhidos a Deus. “Mas, desde cedo, Israel uniu a recordação da libertação e saída do Egito e a aliança no Monte Sinai a estas festas cósmicas.”¹

Houve a unificação destas distintas festas pelo rei Josias em uma só festa pascal que, ao longo dos séculos, foi crescendo, ganhando novos sentidos e novos símbolos, atingindo uma dimensão escatológica e messiânica.

Através do mandato de Jesus na sua última ceia aos seus seguidores, a liturgia cristã celebra a cada domingo e anualmente a Páscoa. A Igreja na América Latina, ao ler a história como processo pascal, celebra a Páscoa ao celebrar a libertação, a salvação que Cristo trouxe no hoje das pessoas e de suas realidades.

Mediante estas páginas, serão apresentadas algumas informações que, sem a pretensão e intenção de completude, auxiliem no conhecimento panorâmico da festa, suas origens, seus sentidos e seus símbolos.

1. A FESTA DA PÁSCOA DOS PASTORES NÔMADES

A festa da Páscoa² dos pastores nômades “é mais antiga que o período do êxodo”.³ O ambiente hostil em que se encontravam os pastores e seus rebanhos, os riscos na caminhada, a insegurança, a instabilidade e a periculosidade do caminho, a fragilidade do rebanho e a escassez de pastagens geravam a personificação das dificuldades encontradas em demônios por parte dos pastores.

¹ ALDAZÁBAL, J. Páscoa. In: *Dicionário elementar de liturgia*. Prior Velho [Portugal]: Paulinas, 2007, p. 226.

² Páscoa vem da palavra hebraica *pasah*, que segundo Schökel significa “coxear, mancar, passar junto a, passar sem deter-se, atravessar, pular, dar saltos”. SCHÖKEL, L. A. *Pasah*. In: *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 542. Na tradição bíblica, refere-se “ao fato de que Javé ‘passou ao largo’ pelas portas dos israelitas, no último castigo infligido aos egípcios, e, mais tarde, à passagem do Mar Vermelho, no trânsito da escravidão para a liberdade”. ALDAZÁBAL, J. Páscoa. In: *Dicionário elementar de liturgia*. Prior Velho [Portugal]: Paulinas, 2007, p. 226.

³ MACKENZIE, J. L. Páscoa. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 696, 3ª ed.

Conforme a imaginação dos pastores, os demônios “povoavam o deserto”.⁴ As dificuldades e perigos encontrados se concretizavam “em um demônio determinado, o Destruidor (*mashit*), cujo influxo maléfico era temido pelos nômades de modo especial”.⁵

Logo, a finalidade da festa da Páscoa dos pastores nômades era de garantir a fecundidade do rebanho na primavera, época em que o rebanho se renovava com novos nascimentos. Possuía, também, o propósito de aplacar os males oriundos dos demônios do deserto ou do Destruidor.

O rito utilizado na festa era de oferecimento de sacrifício de um cordeiro,⁶ à luz da lua cheia, onde “o sangue do animal era untado nos paus das tendas para afastar os perigos que existiam na caminhada”.⁷ Através do rito de sangue, todas as desgraças que ameaçavam os pastores e seus rebanhos eram repelidas. Assim, após a celebração da festa da Páscoa, os pastores nômades saíam em busca das pastagens de verão.

A gênese da festa judaica da Páscoa relatada no livro do Êxodo encontra-se na festa celebrada por pastores nômades, realizada ao iniciar da primavera.⁸ O próprio livro do Êxodo evidencia essa procedência pastoril e já relata a Páscoa como uma festa conhecida: “Ide, tomai um animal do rebanho segundo as vossas famílias e imolai a Páscoa” (Ex 12,21).⁹ Dá-se a entender, inclusive, a saída para celebrar uma festa a cada ano pelos clãs hebreus antes da saída do Egito.¹⁰

Vicente Serrano, ao indicar na festa dos pastores a gênese da festa judaica da Páscoa, se expressa deste modo:

A própria descrição que o livro do Êxodo faz da Páscoa indica sua origem e sua condição de festa de pastores. A vítima do sacrifício era um animal escolhido do rebanho, que era assa-

⁴ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 13. (Coleção: Liturgia e participação).

⁵ *Ibid.*, p. 13.

⁶ “O boi não fazia parte do mundo seminômade”. SIQUEIRA, T. M. Páscoa: uma festa caseira. *Voz Missionária*. São Bernardo do Campo, São Paulo. v. 75, n. 02, p. 11, [mar./abr.] 2005.

⁷ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 12. (Coleção: Liturgia e participação).

⁸ Cf. VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 525.

⁹ Todas as citações bíblicas são tiradas de *A Bíblia de Jerusalém*. 5ª impressão. São Paulo: Paulus, 2008.

¹⁰ Cf. Ex 3,18; 5,3; 7,16; 8,4.16.23; 9,1; 10,3.7.11.24.26.

do depois nas brasas da fogueira com que se aqueceriam na fria noite no deserto; a refeição era acompanhada de alguns bolinhos de pão sem fermento, feitos sobre as próprias brasas, e com ervas da estepe apreciadas por eles e cujas propriedades eles conheciam perfeitamente. Outros detalhes que fazem referência à mesma origem é o traje dos participantes, próprio de pastores, e o fato de que eles mesmos faziam o sacrifício do animal no lugar onde pernoitavam os rebanhos e não um sacerdote e um santuário.¹¹

Semelhantes aos pastores que, após a celebração da festa da Páscoa, saíam em busca das pastagens de verão, os judeus deveriam manter ao comer a Páscoa: postura de viagem, prontidão, pressa, marcha, “com os rins cingidos, sandálias nos pés e vara na mão” (Ex 12,11).

Percebe-se, ainda, que Moisés e Aarão conferem ao Deus de Israel a maneira de ser semelhante ao Destruidor dos pastores nômades: “O Deus dos hebreus veio ao nosso encontro. Deixa-nos ir pelo caminho de três dias de marcha no deserto para sacrificar a lahweh, nosso Deus, para que não nos ataque com a peste ou com a espada” (Ex 5,3).

Portanto, a festa da Páscoa do povo judeu, “associada ao êxodo ou saída dos grupos da opressão das cidades-estado e do Império Egípcio, para construir uma nova sociedade”,¹² tem na antiquíssima festa primaveril dos pastores nômades uma de suas origens.

2. A FESTA DA PÁSCOA DOS AGRICULTORES SEDENTÁRIOS

Os povos sedentários que cultivavam a terra, ao abandonar por muitas gerações o pastoreio seminômade e ter adquirido novos costumes e formas de vida que melhor correspondessem à nova situação, também celebravam a chegada da primavera com uma festa pascal.

A Páscoa dos agricultores, também conhecida como a festa dos pães ázimos, é descrita por Vicente Serrano da seguinte maneira:

¹¹ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 13. (Coleção: Liturgia e participação).

¹² NAKANOSE, S. *Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22,1-23,30*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 235.

Durante os sete dias seguintes, comia-se apenas pão sem fermento, feito com os grãos moídos das espigas recém-colhidas. A razão de comer unicamente este pão ázimo pode estar relacionada com antigas tradições que falavam de influências malélicas, evitando-se por isso utilizar o fermento que restou da colheita anterior para fazer fermentar o fruto da nova colheita, ou ainda pela ideia de que, ao iniciar-se, com a chegada da primavera, o ciclo da vida, também o pão, alimento básico do homem, deveria estar elaborado com farinha nova, sem mistura de nada antigo.¹³

A Páscoa dos agricultores, “anterior à sua conexão com a Páscoa”¹⁴ judaica, era uma festa religiosa familiar ou de peregrinação aos santuários locais para o oferecimento dos primeiros frutos da terra que tinha por finalidade a fecundidade do rebanho e a abundância dos campos.

A gênese da festa pascal israelita dos ázimos “deve ter sido uma festa tribal”,¹⁵ ou festa assimilada dos “próprios cananeus, que não foram expulsos nem destruídos, como geralmente se crê, com base nas descrições feitas pelo livro de Josué”.¹⁶

O encontro com outras tribos e até mesmo culturas fez com que a festa dos ázimos simultaneamente ocorresse em santuários ou nas casas, não perdendo seu caráter familiar e tribal. “É a essa celebração em família que se referem os diferentes materiais que integram o relato de Ex 12.”¹⁷

Aos israelitas, os pães ázimos representavam as suas tribulações, o pão do tormento que os escravos egípcios comeram. Eram pães sem fermento porque “a visão popular do fermento como um agente de corrupção está pressuposta, bem como sua atividade na massa em que é colocado”,¹⁸ e a Páscoa é uma passagem para a vida nova.¹⁹

¹³ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 14. (Coleção: Liturgia e participação).

¹⁴ MACKENZIE, John L. Ázimos. In: *Dicionário Bíblico*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 98.

¹⁵ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 18. (Coleção: Liturgia e participação).

¹⁶ *Ibid.*, p. 15.

¹⁷ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 18. (Coleção: Liturgia e participação).

¹⁸ MACKENZIE, J. L. Ázimos. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 98, 3ª ed.

¹⁹ JORGE, J. A. Pães Ázimos. In: *Dicionário Informativo Bíblico, Teológico e Litúrgico com aplicações práticas*. Campinas, São Paulo: Átomo, 1999, p. 393.

3. A PÁSCOA JUDAICA A PARTIR DO REI JOSIAS²⁰

A Páscoa celebrada pelos pastores nômades e a Páscoa celebrada pelos povos sedentários existiram simultaneamente e possuíam em comum o tempo primaveril da festa e a conotação religiosa. São distintas em sua gênese, mas procuram garantir a fecundidade do rebanho — os pastores — e da colheita e rebanho — os povos sedentários. “Essas coincidências facilitaram sua união durante a reforma religiosa do rei Josias, a partir da qual se tornaram uma única festa.”²¹

Porém, “a informação segundo a qual nenhuma Páscoa tinha sido celebrada desde o tempo dos juízes tem levado alguns estudiosos a concluir que a celebração da Páscoa caíra em desuso sob a monarquia, e alguns a acreditar que a Páscoa não existia até que foi instituída por Josias”.²²

Digna de consideração, apesar destas informações anteriores, é a unificação das distintas festas pascais realizada pelo rei Josias. Agora, as festas familiares, dirigidas pelos pais ou pessoas escolhidas pelo grupo, serão celebradas anualmente no templo de Jerusalém, com intervenção sacerdotal “para manter viva a memória daquele fato decisivo para a configuração de Israel como povo e para sua história”.²³

A unificação das festas teve intenção religiosa e política: como intenção religiosa, a consequência da unificação do culto a Javé e sua purificação foi o fechamento de todos os locais de culto nas vilas e cidades, intensificando, assim, a peregrinação ao único templo em Jerusalém (2Rs 23,4-27) e, como intenção política, houve o estabelecimento de ligação permanente de todos os territórios do reino ao centro administrativo: Jerusalém.

A destruição de Jerusalém no ano 587 a.C. e a deportação de israelitas para a Babilônia fizeram com que a atividade cultural oficial deixasse de existir. A Páscoa volta a ser celebrada nas casas, apresentando algumas variações: parte do animal sacrificado não é jogado fora; não se quebram

²⁰ Informações para aprofundamento da reforma empreendida pelo rei Josias: NAKANOSE, S. *Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22,1-23,30*. São Paulo: Paulinas, 2000.

²¹ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 15. (Coleção: Liturgia e participação).

²² MACKENZIE, J. L. Páscoa. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 696.

²³ SERRANO, Vi. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 16. (Coleção: Liturgia e participação).

os ossos da vítima; a celebração no segundo mês para quem não o fez no primeiro; a permissão para os estrangeiros participarem (Nm 9,1-14).

Durante o exílio, a festa da Páscoa reacendia nos deportados a memória histórica e a fé israelita no seu Deus, desencadeando a esperança de que Deus poderia libertá-los novamente e conduzi-los à sua pátria (Is 40–55).

Após o exílio na Babilônia, com o retorno de um grupo de judeus a Israel, os sacerdotes começaram administrar o país em nome da Pérsia. Iniciaram a reconstrução do templo, da cidade de Jerusalém, e a implantação da teocracia.

Quanto à Páscoa, os sacerdotes acrescentaram “novas prescrições ao desenvolvimento da festa, tanto cronológicas (o dia da celebração e a hora da imolação do cordeiro), como rituais (maior participação dos sacerdotes e levitas e insistência no seu aspecto sacrificial e expiatório)”.²⁴

Portanto, as festas pascais, unificadas em uma só festa religiosa, irão integrar o povo judeu e fazê-los recordar “a cada ano a atividade de seu Deus: na história, como redentor e libertador, e na natureza como criador e como aquele que dá vida”.²⁵

4. A FESTA DA PÁSCOA NO TEMPO DE JESUS²⁶

Durante os séculos, à festa da Páscoa foram somando-se novas dimensões, até que, no tempo de Jesus, ela estivesse mais vasta em seu conteúdo teológico. A celebração pascal comemorava, em primeiro lugar, a ação salvífica que o Senhor tinha realizado no Egito.

Porém, outros acontecimentos da história da salvação foram acrescentados à Páscoa, evidenciando etapas importantes na história de Israel: a festa primeira da Páscoa no deserto, concluindo a determinação do culto e a criação do santuário (Nm 9,1-14); a entrada na terra prometida e a conquista dos seus bens (Js 5,10-12); a reforma de Ezequias com a tentativa

²⁴ Ibid., p. 19.

²⁵ Ibid., p. 24.

²⁶ A festa pascal celebrada anualmente pelos contemporâneos de Jesus e por ele próprio chegou ao ponto de reunir em Jerusalém milhares de peregrinos vindos de toda a parte. “Agora a ceia era um banquete no qual os comensais se recostavam em divãs, sem pressa alguma e com todo o conforto, tal como faziam os gregos e romanos, para manifestar deste modo sua condição de homens livres”. Ib. p. 20.

de reunificação dos reinos do Norte e do Sul (2Cr 30,1-27); a renovação da aliança depois do reencontro da Lei (2Cr 35,1-19) e, enfim, a celebração, ao mesmo tempo, da volta do exílio, a retomada do culto no templo e a reconstrução do povo (Esd 6,19-22).

A festa da Páscoa tornou-se um resumo para o povo eleito de toda a história da salvação e chave de leitura para todas as intervenções de Deus em seu favor. Ao mesmo tempo, acreditava-se que o Senhor ao ver a celebração se lembraria da noite da Páscoa, das promessas feitas a Abraão e à sua descendência, da sua aliança, da misericórdia usada para com os pais, e se manteria atento e vigilante para intervir mais uma vez e sempre, a fim de salvar o seu povo.

A festa pascal no tempo de Jesus — além da ressignificação obtida pelos séculos como memória da intervenção libertadora de Deus na história e culto ao Deus criador e doador da vida — ganha sentido escatológico.

Na atividade histórica de Deus, “a Páscoa significará e anunciará também novas intervenções divinas em favor de seu povo durante o curso da história, assim como a libertação definitiva de todas as gerações de Israel das forças do mal”.²⁷

Na intervenção de Deus na natureza, amplia-se o significado, “ligando-se com a criação, quando as forças da natureza são libertadas do caos, e com o fim dos tempos, quando as forças do mal serão aniquiladas definitivamente”.²⁸

5. A PÁSCOA DE JESUS NOS EVANGELHOS

Os evangelhos sinóticos, Marcos, Mateus e Lucas possuem certa semelhança em seus relatos sobre a última ceia de Jesus, mesmo existindo particularidades próprias em cada evangelista. Os sinóticos concordam que a ceia de Jesus acontece numa ceia pascal, e Lucas é quem expressa de maneira direta o desabafo de Jesus aos seus ao iniciar a ceia: “Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer” (Lc 22,15).

O quarto evangelho, de João, relata a ceia de Jesus como uma ceia comum e não a ceia da Páscoa: “Antes da festa da Páscoa” (Jo 13,1). Uma

²⁷ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 24. (Coleção: Liturgia e participação).

²⁸ *Ibid.*, p. 24.

ceia especial de despedida que “aconteceu na noite anterior”²⁹ à festa da Páscoa, mas relatada em um contexto pascal: “A Páscoa dos judeus estava próxima” (Jo 11,55). “João não afirma explicitamente ou nega que essa foi a ceia pascal; contudo, Jo 18,28 e 19,14 dizem claramente que os judeus não tinham ainda comido a ceia pascal quando Jesus morreu. Esta conhecida dificuldade não tem recebido geralmente solução aceita por todos”.³⁰

Contudo, é certo que os evangelhos colocam a ceia de Jesus num contexto pascal, mesmo que a apresentem em variadas situações.³¹

Os sinóticos desejam “vincular o conteúdo libertador da nova Páscoa que os cristãos celebravam à ceia judaica de *Pessach*, talvez pensando mais em seu aperfeiçoamento que em sua substituição”.³² Um elemento ritual necessário para elucidar esse aperfeiçoamento de sentido no relato dos sinóticos é o rito de sangue.

Para os pastores nômades, o sangue do cordeiro era esfregado nos paus das tendas para defendê-los do Destruidor e dos perigos da jornada em busca de pastagens para o rebanho. Na reforma empreendida pelo rei Josias, o sangue recebe o significado de proteção e libertação, pois o anjo do Senhor passou sobre as casas dos hebreus sem tocá-las: “O sangue, porém, será para vós um sinal nas casas em que estiverdes: quando eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá entre vós o flagelo destruidor, quando eu ferir a terra do Egito” (Ex 12,13). Na última ceia de Jesus com os seus, o vinho³³ “transforma-se no sangue da nova aliança que será derramado (Mc 14,24) em favor de muitos, para a remissão dos pecados, como acrescenta Mateus (Mt 26,28)”.³⁴

O evangelho de João, distinto dos sinóticos, começa apresentando Jesus por meio de João Batista, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o

²⁹ Ibid., p. 42.

³⁰ MACKENZIE, J. L. Páscoa. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 696, 3ª ed.

³¹ Cf. MACKENZIE, J. L. Paixão. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 678; 3ª ed. SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 37-55. (Coleção: Liturgia e participação).

³² SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 52. (Coleção: Liturgia e participação).

³³ O uso do vinho no ritual festivo da Páscoa é muito tardio. O primeiro escrito que menciona este uso é do século I a.C., no Livro dos Jubileus, capítulo 49,6.

³⁴ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 52. (Coleção: Liturgia e participação).

pecado do mundo” (Jo 1,29). Outros paralelos entre o cordeiro pascal e Jesus são realizados. Vicente Serrano apresenta e comenta um destes paralelos:

O cordeiro, uma vez sacrificado, era pendurado, para tirar-lhe a pele, em ganchos de ferro fixados nos muros e pilares do átrio do templo, e quando estes ganchos estavam ocupados, usavam-se alguns paus especiais que podiam ser encontrados ali mesmo [...]. Naquela mesma hora daquele mesmo dia, Jesus, “cordeiro de Deus”, “morria suspenso em uma cruz”. Houve, porém, uma diferença: no templo, o sangue dos cordeiros era recolhido em cálice de ouro ou prata pelos sacerdotes e derramado ao pé do altar dos holocaustos (Pes. V,6); no Calvário, ninguém recolheu o sangue de Jesus, mas esse sangue caiu também na terra, ao pé daquele altar que se havia transformado em sua própria cruz.³⁵

Na releitura joanina das Escrituras, Jesus é o cordeiro pascal e a sua Páscoa é interpretada na “perspectiva do sacrifício do cordeiro no templo. O sangue que o sacerdote derramava ao pé do altar recordava o sangue com que os hebreus untaram as travessas e os batentes de suas portas no Egito para salvar-se do exterminador dos primogênitos (Ex 12,7.12)”.³⁶ Até mesmo a hora da entrega de Jesus por Pilatos à crucificação, “perto da sexta hora” (Jo 19,14), cerca do meio-dia, era a hora do sacrifício no templo dos cordeiros³⁷ pascais para a Páscoa.

6. A PÁSCOA DOS CRISTÃOS

A Páscoa dos primeiros cristãos, apresentada pelo Novo Testamento, é entendida dentro da economia da salvação. Esta Páscoa foi levada à plenitude por Cristo. “São Paulo dá a entender claramente que a Páscoa tem agora um sentido novo para os cristãos: Cristo nossa Páscoa foi quem se imolou (1Cor 5,7-8).”³⁸

O livro dos Atos dos Apóstolos expressa que os primeiros cristãos “dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão

³⁵ Ibid., p. 54.

³⁶ Ibid., p. 53.

³⁷ O cordeiro não é mais usado desde a destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.C., pois não existe mais a possibilidade de sacrifício do animal no templo como prescrevem as Escrituras Judaicas, por isso é substituído por alimentos cozidos como o ovo.

³⁸ ALDAZÁBAL, J. Páscoa. In: *Dicionário elementar de liturgia*. Prior Velho [Portugal]: Paulinas, 2007, p. 226.

pelas casas” (At 2,46). Parece provável que inicialmente os seguidores de Jesus celebravam todos os dias a “fração do pão” (At 2,42), assim como subiam ao templo para a oração (At 3,1).

Com o passar do tempo, o aumento dos seguidores de Jesus, assim como outras dificuldades encontradas para a reunião diária, fizeram com que os primeiros cristãos se reunissem “no primeiro dia da semana” (At 20,7):

A escolha do dia da ressurreição não deixava de ter seu valor simbólico: comemorando a morte de Jesus, a Eucaristia não comemora a morte em si mesma, mas morte como fase do processo salvífico que se conclui com a glorificação de Jesus. A Eucaristia era celebrada como ceia, muito provavelmente na hora romana comum da ceia, ao cair da tarde.³⁹

A Eucaristia, celebração da Páscoa cristã, era realizada semanalmente no “dia do Senhor”. A Páscoa dos primeiros cristãos era constituída de “ritos antigos, mas com o novo conteúdo que Jesus lhes dera na ceia com seus discípulos”.⁴⁰ Um exemplo claro era que o pão recordava o tormento dos escravizados no Egito: “Cozeram pães ázimos com a farinha que haviam levado do Egito, pois a massa não estava levedada: expulsos do Egito, não puderam deter-se nem preparar provisões para o caminho” (Ex 12,39). Agora, o pão tomado nas mãos é expresso por Jesus como: “Isto é o meu corpo que é dado por vós” (Lc 22,19; Mt 26,26; Mc 14,22).

Além da celebração semanal da Páscoa, existem relatos já no segundo século da sua celebração anual, “mas com a diferença de que, enquanto na Ásia Menor e Oriente, a celebravam sempre em 14 de Nisan, em Roma e no Ocidente, tinha-se estabelecido o domingo seguinte a essa data, dando prioridade à tradição dominical, em vez da data celebrada pelos judeus”.⁴¹

As diferenças de datas na celebração anual da Páscoa têm origem nas tradições seguidas pelos distintos grupos: os orientais aderiram mais à tradição joaniana, destacando a “Paixão e Morte de Cristo”;⁴² os ocidentais à tradição Petrina, destacando “mais a ressurreição”.⁴³

³⁹ MACKENZIE, J. L. Eucaristia. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 316, 3ª ed.

⁴⁰ SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 55. (Coleção: Liturgia e participação).

⁴¹ ALDAZÁBAL, J. Páscoa. In: *Dicionário elementar de liturgia*. Prior Velho [Portugal]: Paulinas, 2007, p. 226.

⁴² *Ibid.*, p. 227.

⁴³ *Ibid.*, p. 227.

O Concílio de Niceia em 325 d.C. sentenciou, após reflexão e consultas, que todos os cristãos celebrassem “a Páscoa no primeiro domingo depois da primeira lua cheia que segue o equinócio da primavera”.⁴⁴ Houve algumas dificuldades para que esta orientação fosse guardada por todos, mas, “passada a crise aguda de 387, a situação se normalizou e toda a Igreja, ‘numa só voz’, celebrou a Páscoa conforme a decisão de Niceia”,⁴⁵ até que o patriarca de Constantinopla em 1.582 d.C. foi contra o processo.

Porém, já no século XX, o Concílio Vaticano II declara que “não se opõe à fixação da festa da Páscoa num domingo certo do calendário gregoriano, com o consentimento dos interessados, principalmente os irmãos separados da comunhão com a Sé Apostólica”.⁴⁶

Resumidamente, a Eucaristia,⁴⁷ Páscoa dos cristãos, é o sinal profético e sacramental da morte de Jesus na cruz, o verdadeiro cordeiro pascal. “A Páscoa cristã é o cumprimento real, em ordem sobrenatural, daquilo que a Páscoa judaica figurava e prometia”.⁴⁸ A Páscoa continua sendo celebrada pelos cristãos porque, “quando a Igreja celebra a Eucaristia, faz memória da Páscoa de Cristo, e esta se torna presente: o sacrifício que Cristo ofereceu uma vez por todas na cruz torna-se sempre atual”.⁴⁹

7. A PÁSCOA NA AMÉRICA LATINA

A celebração da Páscoa na América Latina, em decorrência do continente ser “profundamente marcado com a morte e com a luta pela vida, luta pela sobrevivência”,⁵⁰ está agregando um novo aspecto, uma nova dimensão, ou

⁴⁴ BERGAMINI, A. *Cristo, festa da igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 262, 2ª ed. (Coleção: Liturgia e participação).

⁴⁵ *Ibid.*, p. 262.

⁴⁶ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia. p. 80. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de bolso).

⁴⁷ Informações para aprofundar o quadro histórico do desenvolvimento formal da celebração e da teologia Eucarística: MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2009, pp. 278-387. (Coleção liturgia fundamental).

⁴⁸ *Ibid.*, p. 613.

⁴⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola; Ave Maria, 1993, n. 1364, 3ª ed.

⁵⁰ BUYST, I. Liturgia na América Latina: celebração da “páscoa do povo”? In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 81, p. 11, [maio/jun.] 1989.

melhor, a celebração da Páscoa neste continente é elucidada, esclarecida, explicada e interpretada de forma mais clara e concreta, basta observar o que diz o Papa Paulo VI na Introdução às conclusões do Documento de Medellín:

Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando ele o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós: novo povo de Deus não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se diz o verdadeiro desenvolvimento, que é, para cada um e para todos, a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas.⁵¹

Celebrar a Páscoa é celebrar a libertação, a salvação que Cristo trouxe no hoje das pessoas e em suas realidades. É perceber na vida e na história a transição, a mudança de situações e circunstâncias de vida “menos humanas” para “mais humanas” como pascalização operada por Deus. “A Páscoa de Jesus está se prolongando na Páscoa do povo sofredor latino-americano e de todos aqueles que são solidários com este povo até que tudo e todos entrem neste dinamismo do mistério pascal de Jesus Cristo e que o Reino esteja estabelecido, total e definitivamente”.⁵²

A paixão e a morte de Jesus são prolongadas quando se encontram ainda hoje “condições de vida menos humanas”, condições observadas e citadas pelo Papa Paulo VI: “as carências materiais dos que são privados do mínimo vital e as carências morais dos que são mutilados pelo egoísmo [...] as estruturas opressoras que provenham dos abusos da posse do poder, das explorações dos trabalhadores ou da injustiça das transações”.⁵³

O próprio episcopado latino-americano reunido em Puebla reconhece “as feições sofredoras de Cristo”⁵⁴ nas feições concretas de hoje: “Feições

⁵¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Medellín, n. 6. In: *Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

⁵² BUYST, I. Liturgia na América Latina: celebração da “páscoa do povo”? In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 81, p. 12, [maio/jun.] 1989.

⁵³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Medellín, n. 6. In: *Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

⁵⁴ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Puebla, n. 31. In: *Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

de crianças [...], feições de jovens [...], feições de indígenas [...], também de afro-americanos [...], de camponeses [...], de operários [...], de subempregados e desempregados [...], de marginalizados e amontoados das nossas cidades [...], de anciãos [...]”.⁵⁵

Porém, mais importante, ainda, é perceber a vitória de Jesus sobre a morte, o seu triunfo sobre o mal, o seu êxito, o seu sucesso alcançado. Enfim, a Páscoa, a ressurreição de Jesus, é *prolongada* quando há passagem “para condições mais humanas”:

A passagem da miséria para a posse do necessário, a vitória sobre as calamidades sociais, a ampliação dos conhecimentos, a aquisição da cultura. Mais humanas também: o aumento na consideração da dignidade dos demais, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade de paz. Mais humanas ainda: o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que deles é a fonte e o fim. Mais humanas, finalmente, e, em especial, a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade dos homens e a unidade na caridade de Cristo, que nos chama a todos a participar como filhos na vida de Deus vivo, Pai de todos os homens.⁵⁶

Portanto, o Espírito Santo, ao conduzir a Igreja na América Latina, lhe proporcionou “ler esta realidade histórica do continente como processo pascal, como uma passagem da morte para a vida, graças à intervenção libertadora de Deus”.⁵⁷ O Papa Paulo VI, expressando esta nova leitura pascal da vida e da história, exprime a “‘vocação original’ da América Latina: ‘Vocação de unir em uma síntese nova e genial o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal, o que outros nos legaram e nossa própria originalidade’”.⁵⁸

⁵⁵ Ibid., nn. 31-39.

⁵⁶ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Medellín, n. 6. In: *Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

⁵⁷ BUYST, I. Liturgia na América Latina: celebração da “páscoa do povo”? In: *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 81, p. 11, [maio/jun.] 1989.

⁵⁸ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Medellín. In: *Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005, n. 7.

CONCLUINDO

Claramente pode-se perceber que, “nos momentos mais graves da história bíblica, a celebração da Páscoa revestiu-se de importância, pois o povo crente encontrava nela a fonte de alento, coragem e fé para lutar pela libertação”.⁵⁹ Pode-se perceber, também, o processo gradativo e progressivo de transformação, de mudança e desenvolvimento da festa da Páscoa desde as suas origens.

A Páscoa judaica possui três períodos e, portanto, três tipos de celebração: a celebração familiar doméstica dos primeiros séculos, descrita em Êxodo 12–13; a centralização deuteronômista do culto transferido para o templo de Jerusalém, tornando-se uma festa de caráter nacional; e a síntese, enfim, entre as duas formas anteriores no período pós-exílico, em que o cordeiro continuava a ser imolado no templo, ao passo que a refeição voltou a ser tomada no restrito círculo doméstico, ainda que dentro dos muros de Jerusalém.

Esta celebração pascal é a que existia no tempo de Jesus, como demonstra um número elevado de passagens do Novo Testamento. No contexto de sua celebração, com a lembrança dos grandes acontecimentos de salvação do passado se reacendiam a cada ano as esperanças que iluminavam o presente e projetavam a sua luz no futuro.

Jesus na ocasião de uma destas Páscoas realizou a ação salvífica que devia tornar-se centro e fundamento da nova economia. A Eucaristia, ceia do Senhor, tornou-se para os cristãos “o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferta sacramental do seu único sacrifício na liturgia da Igreja, que é o corpo dele”.⁶⁰

Para os cristãos na América Latina, celebrar a Páscoa é celebrar a libertação, a salvação que Cristo trouxe no hoje das pessoas e de suas realidades. A Páscoa é um jeito de viver, pois a vida e a história tornam-se pascais.⁶¹

⁵⁹ SIQUEIRA, T. M. Páscoa: uma festa caseira. *Voz Missionária*. São Bernardo do Campo, São Paulo, v. 75, n. 02, p. 11, [mar./abr.] 2005.

⁶⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola; Ave Maria, 1993, n. 1362, 3ª ed.

⁶¹ “Celebramos na Eucaristia também esta vivência pascal de todos nós em união com Cristo, esta páscoa dos cristãos com a páscoa de Cristo. Como quando vivemos os sofrimentos em união com Cristo sofredor e as alegrias e vitórias em união com o Senhor

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGAMINI, A. *Cristo, festa da igreja: história, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2000, 2ª ed. (Coleção: Liturgia e participação).
- GORGULHO, G.; ANDERSON, A. F. *Celebração e Libertação: A força libertadora do Sagrado*.
- NAKANOSE, S. *Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22,1–23,30*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SAYÉS, J. A. *El Misterio Eucarístico*. Madrid: Palabra, 2003.
- SERRANO, V. *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje. Apêndice com a Hagadá de Pessach*. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção: Liturgia e participação)
- VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, pp. 521-529.

ressuscitado e glorificado à direita do Pai, a nossa vida se torna pascal, assim também as nossas eucaristias são celebrações pascais, com toda a alegria da páscoa do Senhor, que também é nossa". LUTZ, Pe. G. *Eucaristia: A família de Deus em festa*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 37. (Coleção Celebrar a fé e a vida). "Continuar celebrando uma liturgia que paira acima da história, por não levar em conta e não expressar a realidade, é negar a força da ressurreição de Jesus, Senhor da História". BUYST, I. *Preparando a Páscoa: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 37.